

CLÁUDIO CÂNDIDO



TOLICES
ROMÂNTICAS

&

OUTROS
POEMAS



Edufac

CLÁUDIO CÂNDIDO

TOLICES ROMÂNTICAS
&
OUTROS POEMAS



EDUFAC 2018

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac),

Campus Rio Branco, BR 364, km 4,

Distrito Industrial — Rio Branco-AC, CEP 69920-900

68. 3901 2568 — e-mail edufac.ufac@gmail.com

Editora Afiliada: Feito Depósito Legal



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

CLÁUDIO CÂNDIDO

TOLICES ROMÂNTICAS
&
OUTROS POEMAS



TOLICES ROMÂNTICAS E OUTROS POEMAS

ISBN 978-85-8236-079-8

Copyright © Edufac 2018, Cláudio Cândido
Editora da Universidade Federal do Acre - Edufac
Rod. BR364, KM04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre

DIRETOR

José Ivan da Silva Ramos

CONSELHO EDITORIAL

Carromberth Carioca Fernandes • Délcio Dias Marques • Esperidião Fecury Pinheiro de Lima • Humberto Sanches Chocair • José Ivan da Silva Ramos • José Porfiro da Silva • José Sávio da Costa Maia • Leandra Bordignon • Lucas Araújo Carvalho • Manoel Limeira de Lima Júnior Almeida • Maria Aldecy Rodrigues de Lima • Rafael Marques Gonçalves • Rodrigo Medeiros de Souza • Rozilaine Redi Lago • Selmo Azevedo Apontes • Sérgio Roberto Gomes de Souza • Silvane da Cruz Chaves • Simone de Souza Lima.

COORDENADORA COMERCIAL

Ormifran Pessoa Cavalcante

EDITORA DE PUBLICAÇÕES

Jocília Oliveira da Silva

DESIGN EDITORIAL / CAPA

Rogério Correia

REVISÃO DE TEXTO

Gisela Maria de Lima Braga Penha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Ufac.

C217t Cândido, Cláudio.
Tolices românticas & outros poemas / Cláudio Cândido. – Rio Branco:
Edufac, 2018. 51 p.
ISBN: 978-85-8236-079-8
1. Literatura brasileira – Poemas. 2. Poemas. I. Título.

CDD 22. ed. B869.1

Bibliotecária: Vivyanne Ribeiro das Mercês Neves. CRB-11/600.

OBRAS DO AUTOR

Derivas étlicas & sacos sarcásticos (2011)

Estética de matamatá (2018)

APRESENTAÇÃO

Todos os poetas falam ou falaram de amor, porque amar sempre será uma das primeiras e últimas necessidades dos seres humanos. Amar parece nunca bastar. Amar nunca é a mesma coisa. Mesmo em se amando várias vezes.

Alguns amores, por seus próprios caprichos, arrancam-nos do chão, geram certo estado de vácuo. Como a gravidade é um princípio universal, mesmo que o céu seja o nosso mister encantamento, o chão será a nossa mater condição.

Vagando pelos caminhos do amor, este livro nasceu. Trata-se, tão somente, de amor. Sem derivações. Do amor na sua mais rica expressão, mesmo sendo ele romântico. Ou, como dito no título, de tolices românticas. Aproveito para destacar a presença nesta obra de alguns poemas escritos por uma especial amiga - Virginia da Costa Leobort Nina (V.C.L.N) -, devidamente autorizados para estarem aqui.

Fui tolo ao amar. Todos já foram ou são tolos quando amam. Como no amor nenhuma palavra basta, “Prometo não prometer nada, porque amor é ato”. E é, justamente por tornar o amor ato, que este livro foi gestado.

Amar, nesse sentido, é ato inevitável. Possui sua própria gravidade. Tem, na sua pele e profundidade, um doce encantamento. Assim como é no poema de amor de lágrimas, “as tuas e as minhas”, ou no devaneio do poeta que, amando, devaneia acordado, tentando juntar, através das palavras, seus cacos, enganado pelo espelho.

Todo poeta, ao amar, “precisa de estradas para ser exploradas e de noites adentro, quando arrebatado por palavras, para serem sacramentadas”.

Sacramentando a palavra, o poeta peca comendo seu fruto do amor e da consciência. Mesmo não sendo uma maçã. Ao amar, o acordar para a vida e toda a sua vastidão e amplitude. Nesse caso o fruto de seu “Pecado escarlate”, amando, foi um jambo.

O poeta não quis o jambo. Ele, antes de tudo, quis amar aquela pele de cor tropicalizada. E por querer amar, o encontro com a bruxa de seus maiores e mais profundos medos. O romantismo é realmente uma tolíce?

PREFÁCIO

Cláudio Cândido, pseudônimo de Kissinger Cândido de Barros, é autor ainda não conhecido pelo público.

Amazonense, caboclo, como costuma afirmar com veemência, sem medo algum, viajou, desde cedo, por muitos lugares. Conheceu aldeias indígenas e verdejou, verbo usado por ele, quando quer autodenominar-se, por paisagens diversas dos estados do Amazonas, Acre, Rondônia e do Sudeste do país..

Como todo poeta, toda pessoa, esse autor amou, sofreu por amor e foi amado. Dessa relação dual e dialógica versa e inversamente, o autor escreveu sobre o amor. Tratando do tema ora de maneira romântica, fantástica, triste e angustiante, ora como um cético. Denominando, assim, o amor, na primeira parte do livro, de “Tolices românticas”.

Na segunda metade, “Outros poemas”, com a intenção de declarar desejos outros, aflições, solidão, sonhos e visões aterradoras, além de fé e esperança, medos e angústias, o autor traz à tona, a exemplo do que está exposto no poema sobre a solidão, a sensação de vazio e tédio existenciais. Um de seus maiores medos? Quem não os tem?

Pois bem, muito se escreve sobre amor, porém, não há nada mais individual e íntimo do que a forma como ele é sentido, vivido, demonstrado no cotidiano, nas atitudes mais corriqueiras e diárias.

Freud fala em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, vol. XIV, que: “Em última análise, precisamos amar para não adoecer”.

Concordo com Freud, é preciso amar para não adoecer, amar filhos, pais, amantes, familiares, Deus, trabalho, hobbies, seja o que for. Se a vida for vivida como um eterno cumprimento de papéis e obrigações, haverá sim, o adoecimento. Não há ser humano que suporte passar tantos anos de sua existência no “modo automático”, vivendo apenas para o seu “eu” trabalhador. Escrever é uma forma de não adoecer. As poesias escritas nesse livro são remédio para curar a dor.

Existe essa busca incansável dentro de cada indivíduo: a busca pelo eterno, pelo amor romântico, que dará sentido à união de duas almas. Somos arqueólogos, procurando ossos, vestígios, como citado por Cláudio Cândido nesta obra:

*“Ao cavar sepulturas
Descobri fósseis de mim mesmo
Desde então sou arqueólogo”*

Somos alpinistas, subindo mais alto, desejando sempre mais, insaciáveis. Não há nada mais belo do que o viver, não se cansar dessa aventura. Essa busca, em alguns momentos, nos torna tolos, por isso do título do livro ser tão realista, humano. Nos tornamos tolos pelo amor, por algumas coisas e/ou pessoas que amamos, e isso não deixa de ser belo, encantador.

A beleza também está na pureza, na intenção de encontrar a felicidade através de olhos alheios, está em não ter vergonha de fazer aquilo que desejamos fazer.

Quando temos sorte suficiente para encontrarmos esse amor, é como se um milagre acontecesse, viver é preciso, sentir com a pele e com a alma o amor, enquanto for possível. Esse livro não é irreal e fantasioso. Ele claramente nos faz ver as diversas facetas da vida: as misérias, as dúvidas, as pequenas alegrias, a contemplação da natureza, a calma. Tudo o que nos afeta não vem sozinho, seco.

O amor tem companheiros: a felicidade, a dor, a luta, a reflexão, a paz, a certeza e as incertezas. Todos esses companheiros são experimentados durante nossa trajetória, na nossa busca.

O autor deste livro escreve: “Prometo não prometer nada, porque amor é ato”, é das frases mais verdadeiras que li.

Aprendemos durante a leitura que amor é movimento, é atitude. As palavras têm o seu poder, porém, estão associadas ao ato, tem poder de dissipar incertezas, transmitir segurança.

Dito isto, cito o trecho de um poema de Shakespeare:

“O amor não é amor que se altera quando encontra obstáculos ou se vacila no mínimo temor. Amor é marco eterno, dominante, que encara a tempestade com bravura.”

IZABEL BRAGA PEREIRA

SUMÁRIO

TOLICES ROMÂNTICAS..... 13

<i>Gerundismo do verbo amar</i>	15
<i>A bruxa do maracatu</i>	16
<i>Amor sem volta</i>	18
<i>Cindido</i>	19
<i>As lágrimas tuas e as minhas</i>	20
<i>Capa de CD</i>	21
<i>Amor no mamoeiro</i>	23
<i>Mentiras</i>	24
<i>Momentos</i>	25
<i>Insônia</i>	26
<i>Chuva e desejo</i>	27

OUTROS POEMAS.....31

<i>Concerto acreano</i>	33
<i>Enredo perolado</i>	34
<i>Herança de Midas</i>	35
<i>Pecado escarlate</i>	38
<i>Banho de passarim</i>	39
<i>Descoberta de Deus</i>	40
<i>Alucinação cromática</i>	43
<i>O alpinista</i>	44
<i>O barqueiro</i>	45
<i>Eu camelo</i>	46
<i>Nadificação</i>	47
<i>Des-encanto</i>	48
<i>(Des)insisto</i>	49
<i>O arqueólogo</i>	50
<i>Rimas esgotadas</i>	51

CLÁUDIO CÂNDIDO

1ª PARTE

TOLICES ROMÂNTICAS

“Se intentarmos falar-te, enfadar-te-ás? Mas quem poderá conter as palavras?”

Livro de Jó 4-2

“Por isso não reprimirei a minha boca; falarei na angústia do meu espírito; queixar-me-ei na amargura da minha alma.”

Livro de Jó 7-11

GERUNDISMO DO VERBO AMAR

Amar é essa angústia

Amando

Sempre se ama amar

Amando

É aquilo que é verdadeiramente amar

O amor é constante desventura

Amando

Encontramos o que se quer amar

Amando

É desejo que busca entender

Entendendo

Amando, é perder sabendo ganhar

A BRUXA DO MARACATU

*Quem é tu?
Bruxa, feiticeira do maracatu?
Dona de caranguejos manguezados?*

*Em saia rodada
Ou de braços enterrados?
Quem és tu?
Mereces a guilhotina, a fogueira ou a lama?*

*Danças como uma princesa
E pedes a cabeça de um santo?
Sois abespinhadas?*

*Quem és tu?
Bailarina ou traidora?
Em meio a uma seara daninha
És demoníaca?*

*Deus perdoe-nos
Mesmo assim
Quem és tu?
Assim mesmo te digo:
És feiticeira do mangue indagada
Aonde vais e estais em teus sonhos?*

*Com quem sonhas
Se esse sonhador
Aqui acordado*

*Sonha de sonhar contigo
Vejo sua imagem em espelhos quebrados
Ao deitar ao teu lado
Sonho com os cacos todos ajuntados
Serás, para mim, o sonho não-sonhado?*

Mesmo assim, sonho

*Sonho contigo um sonho de sonhador
Um sonho por enquanto
Não-agora
Sempre esperado
Sonho contigo um sonho de sonhador
Mesmo que todo sonho possa
Um dia, parecer desesperado
Ainda assim sonho contigo
Sonho um sonho acordado?*

Já é tarde para amar?

*Ao acordar
Todos os cacos refeitos
Num átimo emoldurados
Agora te vejo claramente inteira
E isso me assusta
Quanto vale um sonho?
Quanto custa?
O preço de outro espelho?*

AMOR SEM VOLTA

*Te amo
Um amor sem volta
Se voltasse
Seria mesmo assim
Amor
Antes de entrar na casa
Retiro os sapatos
Depositando-os na varanda, deitados
Depois de longas passadas
Ao levantar juvenil
A doce cena de uma mijada infantil
Na soleira de uma vida empoeirada*

Meu Deus! A beatitude dos sapatos foi violada

*Na lingueta de minhas caminhadas
Dias sem nuvens
Instantes sem água
Na sola de meus sapatos
Louvores silenciados
E noites apedrejadas*

Meu Deus! Dê-me mais sapatos para aquela criança mijá-los

*Porque ainda preciso de estradas para serem exploradas
E de madrugadas para serem sacramentadas*

CINDIDO

*Quanto mais afasto-me de ti
Mais me aproximo de nós dois
Ao olhar para trás
Verás que sombras existem
Que todos os dias o sol se põe
E as nuvens caminham sem cessar
Quando vires as tuas pegadas
Impressas no chão que o sustenta
Sentirás que mesmo assim podes
Ser leve
E que o fardo que carregas
Não é tão pesado quanto pensavas
De todas as lições que empreendeste
Nenhuma foi tão importante quanto a de andar
Se caminhares sobre pedras, espinhos
Se se arrastares sobre a lama, o lodo
Ou, se pensares que voar é eternamente teu sabor
Saberás:
Que o chão ninguém pode evitar
Por mais que sonhes tão alto
O chão continuará a ser sua mater condição
E o céu o seu mister encantamento*

AS LÁGRIMAS TUAS E AS MINHAS

*Mesmo tuas
Queria as tuas lágrimas
Ternas, rolam suavemente
Gotas de orvalho
Pela tua face e caem em teus seios tenros
Cama perfeita
Colcha perfumada
Pena não tê-las
As tuas lágrimas
Superfície
Água calma de um lago secreto
As minhas
Rolam como chumbo
Depois de queimadas as retinas
Tem cheiro de pólvora
Como são pesadas as minhas lágrimas
Caindo
Perfuram o útero de Gaia
As minhas
Chuva de meteoros que rasgam a atmosfera
Chorar não é suficiente
As lágrimas têm quer ser acolhidas*

CAPA DE CD

A cada estrofe

A cada rima, um gozo, um gozo, um gozo...

Gozado...

Foi sonho doce ou amargo?

Suor, roupas tiradas...

O gato preto perto

Esperto foi o gato

Voyeurs

Safado, deitado, estirado

Cansado a olhar o gozo na capa de CD

Gozado...

Era noite? Era dia?

No muro, na cama, no chão, na cozinha

No sofá...

Doidinha

O que houve?

O que há?

“Ainda bem”

Luzes, escuridão, claridade

No campo, na cidade...

“Eu quero enfeitar você”

Escuta:

*Não sai, não.
Outro beijo, outro abraço, outro verso
“Ela versus ele na cidade sem fim”
Métrica perfeita
Esquece o gato
Mata-me
Me deleita*

AMOR NO MAMOEIRO

Dia desses vi festa no mamoeiro

Festa de amores

Multicolores

Eram pipiras, sanhaços, bem-te-vis

Colibris, cotovias

Dia desses, no mamoeiro

Festa de melodias infinitas

Pertinho, na rua

No quintal de uma casa

Vi essa pequena festa

No mamão amarelinho

Dependurado pelo tendão

Amor de mamoeiro é assim:

Frágil, doce

Dia desses

Amei como passarinhos no mamoeiro

Queria andar na chuva como uma criança

Sentir o cheiro da chuva

Chupar a chuva

Entranhado de chuva

Tocar minhas vísceras

Aprofundar-me nela, amá-la

Queria acabar como uma chuva

Para não sentir a morte chegar

Aceitando-me tão somente molhado

MENTIRAS

Você não consegue mentir

E isso basta

Mentir uma desgraça?

MOMENTOS

Por V.C.L.N

*À noite, o imprevisível, o desejo, o medo
E o depois.
Um depois que não se fez
Ou que se fez com falta, a lembrança
E a saudade.
A falta que aumentou o desejo
Um desejo que surgiu do gosto de um beijo
Os medos que cercam e controlam
Desconhecidos, impeditivos,
São mais fortes que o desejo,
Por um momento.
O gosto do beijo que ficou,
A carícia dos corpos harmonizados
Buscando o toque das mãos,
É mais forte que o medo,
Neste momento.
Não importa o depois,
Nem o medo.
Importante são as lembranças
E os sonhos
De uma completude que não se fez,
Da sequência do beijo,
Do desejo.
Dos corpos que falam,
E calam
O medo de ser feliz,
Por um momento*

INSÔNIA

Por V.C.L.N

*Sonhos, expectativas, fantasias tolas,
Encontros ainda inexistentes,
Pairam e rodopiam em minha mente.
No presente.*

*Vão e voltam num estranho bailado
Sem ritmo, sem corpos harmonizados,
Pela esperança ausente.
No presente.*

*O bailado atravessa o dia
Irrompe no meio da noite,
mistura-se aos sonhos,
desperta para as lembranças
a música da voz,
a expressão do olhar,
o cheiro dos corpos,
o inexplicado.
No passado.*

*Sonhos e lembranças
A unir presente e passado,
Dançam temerosos e frágeis,
em pares inseparáveis,
excluindo o incerto futuro,
deste estranho bailado*

CHUVA E DESEJO

Por V.C.L.N.

Pela janela olho a chuva.

Chuva sem cheiro,

sem gosto de beijo,

sem calor de verão,

sem olhar de emoção.

Olho prá dentro,

outra chuva relembro,

pés na terra,

água de coco,

olhares furtivos,

desejos escondidos,

fugindo do novo.

Corrente de sensação,

carinho, rejeição,

medo, paixão,

longe e tão perto.

Despedida sem toque,

desejo sem beijo,

dúvida que nasce

saudade que cresce.

A cidade lá embaixo,

não é mais a mesma,

possui cheiro de chuva,

gosto de beijo

estrelas especiais no céu,

*escondendo um desejo.
Desejo de encontro,
de matar o desejo,
intocável, distante,
puro, imenso,
como as brancas nuvens
que agora vejo.*

CLÁUDIO CÂNDIDO

2ª PARTE
OUTROS POEMAS

“Qual é minha força, para que eu espere? Ou qual é o meu fim, para que eu prolongue a minha vida? É, porventura, a minha força a força da pedra? Ou é de cobre a minha carne?”

Livro de Jó 6 - 11, 12

CONCERTO ACREANO

Eu canto o que essas águas me contam:

Letra, melodia, harmonia

Partitura

Sobre árvores caídas que

Laceram seu dorso

Roçando sua nudez azeitada

Coral de folhas

Trovões de pássaros

Barrancos tenores

Formigas lupanares

Barcos atores

Plateia estupefata

Como num concerto acreano

O Rio Acre preludia-se

Maestro orquestrando

Obra monumental

ENREDO PEROLADO

*Eu vi um cachorro
Todos veem cachorros
Eu vi um cachorro enrolado em concha
Fabricando sua pérola
Eu vi um cachorro enroscado
No seu enredo perolado
Cabeça perto do rabo
No seu silêncio e quietude
O cachorro fabricava
Vazio e sozinho
O seu tesouro*

HERANÇA DE MIDAS

*Minha herança cintila todas as cores
Minha herança é fugaz
Minha herança são as nuvens
Desde que nasci
Tudo que toco vira fumaça
Paus, gravetos e fogo foram o que me restaram
Para que eu possa, queimando-os
Vislumbrar meu legado
Dissipado, voo sobre paisagens
Campos, florestas, cidades, aldeias, povoados, tribos...
...Lagos, lagoas, rios, mares, riachos, cachoeiras, córregos
Minha herança talvez seja igual ao ouro:
Quanto mais tenho,
Mais quero
Tudo se torna efêmero
Minha herança, de tão vasta
Deixou-me rico e tornou-me pobre
Nada do que possuo posso pegar
As nuvens, ao final, tornaram-se ouro
Reluzindo fantasias*

*No seu caminho, no nosso caminho
Existe uma ponte
Uma velha ponte de madeira
Ponte deteriorada, carcomida
Velha anciã, solitária, tenebrosa
Quando começar a andar pelo caminho
O seu ou o meu
Saberá, saberemos que a ponte estará lá
Nos esperando
O caminho é sinuoso, pedregoso
Poucas plantas, somente as mais resistentes
Permanecem ali
Como elas, as plantas, se quiser, poderá ser
Se quiser, ao caminhar por esse caminho
Voltar, volte!
Eu, ao contrário, permanecerei reto
Obstinado
A ponte estará lá
Cantando uma canção
Saiba, desde agora, saibamos nós
Que esse caminho dará acesso a um penhasco
Abismal, obscuro
Tão grande a sua profundezã
O duplo, pelo uno ligado
O caminho é estreito*

*Vasta a sua amplitude
Se sua vista assim permitir
Pela última vez, na imensidão ao lado do caminho
Se quiser permanecer, permaneça!
Ou, então, siga o seu caminho
A ponte me espera
O penhasco me espera sem medo
Evite, se decidir atravessar, as cordas
Elas não servirão para nada
Caprichosa, rústica, a ponte pode arrebentar
Se tentar arrancar, prender as cordas em algum ponto
Será inútil
Eu, porém, quero aquele penhasco, aquela ponte
Como ela é
Quero aquele despenhadeiro, se assim ele me chamar
Quero seus fulcros, sua idade, sua aspereza, sua frieza
Sua solidão
- Ponte, eu não vou fugir
Pois sei, do outro lado, se eu conseguir
O caminho seguir
A minha paz de espírito
A beleza de outro resplandecer*

PECADO ESCARLATE

*A fruta do meu primeiro
Pecado não foi uma maçã
Foi um jambo escarlate
Fruto tropicalizado
Quando provei do meu
Primeiro pecado
A consciência de Deus e do diabo
No meu paraíso
Eu andava de uniforme escolar
A serpente era a diretora
Mas ela não era sedutora, não
Parecia ter atravessado o tempo
Indo parar numa fábula que não era a dela
O caldeirão e a vassoura
Talvez ficassem escondidos
Numa moita de capim-rabo-de-raposa
Naquele dia do meu primeiro pecado
Descobri que as pessoas podiam se transformar em bichos
Nunca o contrário
Mesmo assim, como foi bom pecar
Mergulhar naquela cor
Carne macia, branca e aveludada
Desde o meu primeiro pecado escarlate
Nunca mais parei de pecar*

BANHO DE PASSARIM

Enquanto um canta

Num canto

Outro canta numa bica

Com o último

O prazer de molhar-me de vento

De asas, de nuvens

Nos respingos de sua felicidade

DESCOBERTA DE DEUS

*Sempre tentei descobrir quem era
Onde estava Deus
Usei diferentes formas, métodos de investigação:
A religiosa, a racional-lógica, a técnico-científica, a intuitiva...*

*Nada
Deus sempre me escapava*

*Muito por acaso descobri Deus
Desvendei-O
Acaso afortunado
Dentro de um livro velho
Escondia-se Deus*

*Deus era substantivo, adjetivo, artigo
Deus era sinônimo
Deus era antônimo*

*Deus era nome próprio e comum
Deus era:
Advérbio
Sujeito
Predicado
Verbo
Deus era:*

Singular

Plural

Deus era locução prepositiva e conjuntiva

Objeto direto e indireto

Deus era

....

Deus...

Tu te escondias numa Gramática

Deus era PalavraEu não vejo com os olhos

Não escuto com os ouvidos

Tudo sinto com a pele

Imagens e sons

Nela, na minha pele

Tudo se deita

Tudo é acolhido

Terna e docemente

Mesmo o frio

Mesmo o quente

Todas as cores nela se adensam

Todos os sons nela ecoam

Na minha pele

Tudo torna-se obra única

No ar cheiro de carne

Sangue

Carvão

A triste sina de uma vida

Ensanguentada

Estirada
Em pedaços amiúdes
Destroçado, o homem ruge
Querendo elidir suas facetas
Quanto mais deseja
Menos encontra
Cachorro querendo morder o próprio rabo
Sem perceber que se movimentava
Surgia um dia lindo, lindo
Pássaros cantavam na velha mangueira
Saudando o novo dia
Só eu é que não tinha saído da minha escuridão
Segunda-feira vazia
Terça-feira vazia
Quarta-feira vazia
Quinta-feira vazia
Sexta-feira vazia
Sábado, vazio
Domingo, um dia cheio de vazio
Para, depois, tudo ser a mesma coisa?
E o tempo passa
Passam também a infância
A juventude
E o tempo passa, passa, passa...
Badalando suas agruras
O tempo vem para todos
Entra sem precisar ser convidado

ALUCINAÇÃO CROMÁTICA

Vi o branco na sua plenitude

Tudo era branco

O branco era pura ação

Asas escuro-escarlates

De sangue no sangue

De sangue do sangue

Circulado

Na carne da carne

Negro-avermelhada

Corpo no corpo

Corpo do corpo

Cósmico

Vísceras em vísceras

Vísceras nas vísceras

Enlaçadas

Fezes de fezes

Fezes nas fezes

Estrumada

Ao fim-início

Só os urubus podem ser

Atômica e aprioristicamente

Sinônimos e antônimos

O ALPINISTA

Eu tenho milhões de palavras

Tenho tudo:

Todos os verbos e intenções

Eu tenho até mesmo o nada

Milhões de nadas e verdades desditas

Milhões de vozes caladas

Esperançosas por gritos

Para no fim não ter

Mais uma vez, Nada

No muito do pouco que me resta

Agora estou:

Carne

Ossos

Alma lavada

Mesmo assim

Milhões de minutos

Milhões de passadas

Milhões de descidas

Milhões de escaladas

Eu descí

Eu subi

Encontrei

(Des)encontrei

O alpinista em mim

O BARQUEIRO

Acorda

Pega o barco esquelético

Desfila no rio magro

Chega no barranco gordo

Encosta na gordura amarelada

Depois desce no barranco

Para montar em sua montaria aquática

À D. Maria da APASAMA

D. Maria

Com você

O doce de tetas negras

Ama de leite

Sem nunca tê-las

Nas suas tetas

Delas provado

Se não provei delas

Provei da sua cor negra

Senti seus cabelos crispados

D. Maria...

Preta velha

Preta doce

EU CAMELO

*Meu saco
Minha história de vida
Minha vida
Quem diria, há séculos antes de mim
Ao meu lado, minha sacola-mochila
Para onde quer que eu vá
Eu hei de levar:
Bonecos, fantoches, brinquedos, roupas, aves, agulha e linha
Filhos, filhas, mãe, pai, parentes e amigos
À frente, Bariloche!
Aí vou eu
Vou carregando meu Eu camelo
Costurando e pontuando por linhas, desertos e praias
Eu vou para Bariloche!
Nem que seja para parar na frente de outro espelho
“Espelho, espelho meu
Existe no mundo um camelo mais belo que o meu?”*

NADIFICAÇÃO

Nada paga nada

Nada, do nada

Se paga

Nada em tudo me veste

Mesmo que do nada

Nada me reste

DES-ENCANTO

*Não quero ser sua fada madrinha
Nem você, quero que seja a minha
Meus encantos
E des-encantos
Eu os encontro*

(DES)INSISTO

O que vivo é no agora

No agora

Me (des)espero

O ARQUEÓLOGO

*Ao cavar sepulturas
Descobri fósseis de mim mesmo
Desde então sou arqueólogo*

RIMAS ESGOTADAS

*Quando tudo acabar
É que tudo acabou?
Porém, do tudo
Nada ficou?*

SOBRE O AUTOR



Cláudio Cândido, com pseudônimo de Kissinger Cândido de Barros, nasceu em 1974, no seringal Pernambuco, município de Ipixuna, Amazonas. É descendente de nordestinos, sendo a mãe cearense e o pai, maranhense. Ainda muito pequeno, residiu na cidade de Eirunepé, município amazonense situado na calha do rio Juruá, onde permaneceu até os 19 anos de idade. Ali trabalhou com seu pai como ajudante de protético; estudou as séries iniciais na Escola São Francisco, colégio de orientação católica e concluiu magistério na Escola Estadual Nossa Senhora das Dores. Posteriormente, com poucos recursos, mas grande coragem, iniciou o curso de teologia em Porto Velho, Rondônia. Por não se identificar com aqueles estudos, em menos de um ano viajou para Manaus. Seguindo a sede por liberdade, foi morar em outro município do Amazonas – Rio Preto da Eva –, permanecendo por um período em zona urbana, e outro numa área rural, no interior da floresta, cujo acesso era por via fluvial. Nessa localidade aprendeu “a diferença entre os homens e os meninos”, compreendendo que “quem corta é o braço; quem manda é o aço” (como escreve em um de seus poemas, o Tio João). Depois, retornando a Manaus, realizou trabalhos esporádicos como ajudante de pedreiro. Em 1996, foi admitido mediante concurso na esfera estadual, quando serviu na extinta Companhia de Saneamento do Amazonas, sendo posteriormente relatado para trabalhar no município de Pauini, na calha do Purus. Resolveu, então, pedir exoneração do cargo – por se sentir enganado –, e passou a prestar serviços de roçagem em fazendas e plantações de mandioca, carregando areia e madeira, abrindo picadas na mata. Embora mantivesse uma postura sempre discreta, ao comentar de maneira informal sobre sua formação em magistério, foi chamado para ministrar aulas nas escolas municipais Dona Ivanye Alberto de Aguiar Corrêa. Ao final da década de 1990 e início de 2000, mudou-se para São Paulo, capital, inserindo-se no mercado de trabalho como monitor pedagógico, no Programa de Alfabetização Solidária, atuando também como coordenador e instrutor em cursos de capacitação. Nessa época, por escolher viver um grande amor, mudou-se para o município mineiro de Extrema, onde trabalhou como artesão. Depois retornou para o município paulista, São Bernardo do Campo. Mais uma vez, indo residir em São Paulo, concluiu a graduação em psicologia, sendo convidado para trabalhar junto à Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil/Sefras, tendo atuado por curto período de tempo na formação de lideranças que cuidam de pessoas acometidas pela DST/AIDS. Em parceria com Ricardo Mendes Mattos, publicou o primeiro livro, chamado *Derivas Etlícas & Sacos Sarcásticos*. Trabalhou ainda na União de Moradores do Heliópolis e São João Clímaco/Unas, em um serviço oferecido a crianças e adolescentes em conflito com a lei. Após os anos de vivência em São Paulo, voltou para Manaus, desta vez para acompanhar a mãe, que veio a óbito. Em sua história de intensa migração, além de morar no município amazonense Pauini, Cândido residiu em muitas cidades acreanas: Manoel Urbano, Porto Acre, nas Vilas do Incra e do “V”, Cruzeiro do Sul, Senador Guiomar, Bujari, Feijó e em Rio Branco-AC. Atualmente, em 2018, vive em Eirunepé-AM, onde trabalha e coordena o CAPS I – Centro de Atendimento Psicossocial. Quando esteve em Rio Branco, Acre, recebeu parecer técnico-científico favorável para publicar dois livros de poesias, através da Editora da Universidade Federal do Acre: *Estética de matamatá* e *Tolices românticas*.
